



FAIXA DE GAZA

Israel intercepta mais um barco com ajuda

Embarcação dos ativistas Flotilha pela Liberdade saiu de Siracusa com alimentos, mas foi impedida de atracar. Exército afirmou que reiniciou o lançamento, por paraquedas, de enlatados, farinha e açúcar, medida considerada inútil por chefe da ONU

Em meio ao agravamento da crise humanitária em Gaza, soldados israelenses interceptaram o barco Handala, fretado pelo movimento Flotilha pela Liberdade, que levava alimentos para distribuir no território sitiado. É o mesmo grupo que, no mês passado, com o ativista brasileiro Thiago Ávila e a sueca Gretha Thunberg a bordo, foi impedido de atracar. Horas antes, o Exército informou sobre a volta dos lançamentos aéreos de ajuda, além de estabelecer corredores humanitários para transporte de mantimentos da Organização das Nações Unidas (ONU). Os primeiros pacotes teriam sido enviados por paraquedas.

O Handala partiu de Siracusa, na Sicília, em 13 de julho. Em uma filmagem transmitida ao vivo, os ativistas aparecem sentados no convés, com as mãos levantadas, assobiando a canção antifascista italiana *Bella Ciao*, enquanto os soldados tomam o controle do barco. Minutos depois, as imagens sumiram do ar.

Em uma semana na qual ao menos 21 crianças morreram de desnutrição, Israel confirmou ontem que lançará sacas de farinha e açúcar à população de Gaza. No território, devastado por mais de 21 meses pela guerra, um quarto dos meninos e meninas com menos de 5 anos e das mulheres gestantes e lactantes sofrem de desnutrição aguda, segundo a organização Médicos Sem Fronteira (MSF).

Emirados

Ontem, antes do anúncio israelense, a Jordânia e os Emirados Árabes Unidos afirmaram que também retomariam “imediatamente” a ajuda humanitária aérea. “A situação humanitária em Gaza atingiu um nível crítico e sem precedentes”, disse o ministro de Relações Exteriores dos Emirados, Abdullah bin Zayed Al Nahyan, em uma publicação no X. “Garantiremos que a ajuda essencial chegue aos mais necessitados, seja por terra, ar ou mar. Os lançamentos aéreos serão retomados mais uma vez, imediatamente.”

Mais cedo, o chefe da Agência da ONU para os Refugiados Palestinos (UNRWA) afirmou que a retomada do lançamento aéreo de ajuda humanitária em Gaza é algo “ineficaz” diante da catástrofe humanitária que afeta o território palestino. “O lançamento aéreo não acabará com a fome crescente. É caro, ineficaz e pode até mesmo matar civis famintos”, escreveu no X o diretor da agência, Philippe Lazzarini. “Uma fome causada pelo homem só pode ser resolvida pela vontade política”, afirmou. Sem questionar Israel, ele pediu que as Nações Unidas intervenham “em grande escala e sem obstáculos” em Gaza.

Israel enfrenta uma pressão internacional crescente devido à dramática situação humanitária no território palestino. No final de maio, aliviou parcialmente um bloqueio total imposto no início de março, que causou uma grave escassez de

AFP



Jovem palestino carrega pacotes de comida obtidos em ponto de distribuição no centro do enclave

alimentos, medicamentos e produtos de primeira necessidade.

Os escassos mantimentos disponíveis nos mercados são inacessíveis. Um quilo de farinha atinge o preço exorbitante de US\$ 100 (R\$ 554, na cotação atual), enquanto as terras cultiváveis foram devastadas

pela guerra. Na terça-feira, a ONU acusou o Exército israelense de ter matado mais de 1 mil pessoas que buscavam ajuda humanitária em Gaza desde o fim de maio, a maioria delas perto dos quatro centros da organização privada Fundação Humanitária de Gaza (GHF).

Ataques

A retomada de envio de alimentos a Gaza pelo governo israelense não impediu ataques e disparos no território sitiado. A Defesa Civil da região relatou 40 mortos ontem, incluindo em um campo de



O lançamento aéreo não acabará com a fome crescente. É caro, ineficaz e pode até mesmo matar civis famintos.”

Philippe Lazzarini, chefe da Agência da ONU para os Refugiados Palestinos

deslocados em Al Mawasi. O porta-voz, Mahmoud Bassal, relatou ainda que 14 pessoas morreram enquanto esperavam ajuda humanitária, em seis incidentes no norte, centro e sul.

Questionados, os militares israelenses declararam que suas tropas dispararam “tiros de advertência para afastar a multidão” após identificar uma “ameaça imediata”. Acrescentaram que não tinham conhecimento de vítimas como resultado da operação. Entretanto, em um comunicado, afirmaram que haviam abatido membros de uma “célula terrorista que colocou um artefato explosivo contra soldados”. Nas últimas 24 horas, “a Força Aérea atacou mais de 100 alvos terroristas na Faixa de Gaza”, segundo o comunicado.

CONFLITO NA ÁSIA



Barracas improvisadas abrigam deslocados na fronteira

Tailândia e Camboja debatem cessar-fogo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, ontem, que Tailândia e Camboja concordaram em se reunir para discutir o fim do conflito iniciado há quatro dias, e que já deixou mais de 30 mortos. “(Os dois países) aceitaram se reunir imediatamente e chegar rapidamente a um acordo de cessar-fogo”, escreveu o líder norte-americano em sua rede Truth Social, depois de conversas com autoridades.

Uma disputa territorial que data de várias décadas foi o es-

topim, na quinta-feira, para os intensos confrontos, com o uso de aviões de combate, artilharia, tanques e infantaria. Os embates levaram o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) a convocar uma reunião de emergência.

O Ministério da Defesa do Camboja contabilizava, até ontem, 13 mortos — oito civis e cinco soldados — e 71 feridos no país. Do lado tailandês, o Exército informou a morte de 20 pessoas, entre elas, seis soldados.

Autoridades cambojanas, que pediram um cessar-fogo, acusaram as forças do país vizinho de dispararem “cinco projéteis de artilharia pesada” contra a província de Pursat, na fronteira. Jornalistas da agência de notícia France Presse (AFP) relataram estrondo da artilharia durante a tarde, na localidade cambojana de Samraong.

Em três dias, os combates provocaram a evacuação de mais de 138 mil pessoas em regiões da fronteira tailandesa e mais de 35 mil no lado cambojano.

“As relações costumavam ser boas, éramos como irmãos”, afirmou Sai Boonrod, 56 anos, um dos centenas de tailandeses que se refugiaram em um templo na localidade oriental de Kantharom após deixarem sua aldeia.

O ministro das Relações Exteriores da Tailândia, Maris Sangiampongsa, declarou que, para que houvesse conversas sobre um cessar-fogo, o Camboja deveria demonstrar uma “genuína sinceridade em sua vontade de terminar o conflito”.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

BRASIL-EUA, TEMPOS DE PORCO-ESPINHO

Como explicar tanta encrenca e dificuldade de encontrar solução compartilhada que deixe de preocupar a sociedade vendo governos de grandes países não conseguirem conversar?

“Sei um segredo, você tem medo...e nada”, é um verso antológico da música de Milton Nascimento e seus parceiros do Clube da Esquina que se prolonga por este período longo que vivemos desde os anos 1970. Tudo parece grave, mas se é comercial pode ter solução se os EUA, sem minerais raros, e o Brasil, com baixo domínio de dados e alta vulnerabilidade digital, abrirem o jogo de suas limitações produtivas e tecnológicas diante dos

diferentes problemas na cadeia de suprimentos dos dois. O espírito de porco espinho saindo de cena, entram negociadores da nova realidade tecnológica.

Os mitos do dilúvio e da renovação do mundo ocorrem pouco na política. Na relação entre a história e os sistemas políticos, no passado e no presente — entre o reservatório de conteúdos e desejos individuais das elites de cada período e o dia a dia da maioria da sociedade —, o que vemos é carne e osso das relações pessoais contaminadas por paixões políticas e razões econômicas atreladas a processos eleitorais.

O mar secou para os manitos que se interessaram por política

baseada nos princípios que deram sentido às duas nações. O mundo atual está aberto e habitado por símbolos de hostilidade vestidos de publicidade e propaganda. A mistificação das personalidades pelas redes sociais criou a decisão política pitoresca para tudo, movida pela obsessão do sucesso aferido por pesquisas de opinião.

O Brasil precisa de ajuda. Mas as posições políticas, aqui e nos EUA, têm muito de clãs e populismos que pouco se renovam. Há as longevas classes estruturais que não se reinventam e são atropeladas por novos atores conjunturais que ocupam o palco com a mesma peça. Da Aliança para o Progresso às passeatas Yankees Go Home, ao boxe das tarifas — crise tão irracional que até quem nunca gostou dos EUA está decepcionado —, a maioria do povo — lá e cá — tem motivos de sobra para não dormir quando vai para a cama. Ao analisar os personagens nos a

nome, corre-se o risco de entrar em ringue de gladiadores. Melhor ver as coisas como contos, não sagas.

Destruídas as instituições, muitas das ideias que estão por aí gerando conflito são atividades do espírito criadas pela caixa de ressonância de assessores arcaicos que fazem a cabeça dos personagens. É o mártirio do bom senso. Tornar o mundo aberto é o que mais ameaça o intolerante que frequenta palácios de forma irresponsável. Influenciadores pequenos, cuja força surge como marca de costumes brotados de eleitores fanáticos que não descansam e, nas crises, enchem o governante de um inventário de aventuras. Vislumbres autoritários de líderes para os quais seu país é o que está na sua cabeça.

Pelo fato mesmo de ser uma religião, o “eu” em política é terrível, pois sempre fica entre o “nós” e o nada. A natureza da crise atual nos leva a pensar e tentar distinguir o que

pertence de fato à história de nossos dois países e o que pertence ao evento problemático de governos e suas deficiências. O que é durável, o que é transitório, o que é, de fato, mediado pela história e pela cultura de dois países centenários? O que nossos pais e avós diriam de tudo que está degradingo no mundo?

Oportunidade rara em política nem sempre significa que é uma boa oportunidade. Desprovida de conhecimento histórico e clareza sobre a complexidade do mundo, tal oportunidade pode gerar movimentos que mais revelam fraqueza do que força e professam a amargura da malícia. São censuráveis perante a história quem diz o que não pode sustentar, não recua para não ter que explicar o que disse ou fez sem pensar. Chicken out, frango fujão, dizem os investidores em Wall Street ao ver o governo dos EUA ameaçar e recuar em relação à Europa, China e Japão usando o prazer de frases

feitas e bonés alienados. Preferir a hostilidade à mansidão, cair no jogo de brigões, está impondo ao mundo a treva do governante pequeno.

É difícil imaginar que tal situação irá promover uma onda de virtudes patrióticas sinceras. Diálogo supera maquinações políticas de quem quer remodelar o comércio global pondo em nocaute as fronteiras nacionais e destruindo o sistema fiscal. Metas eleitorais agravam a briga em torno de tributos destrutivos e fecundam coisa pior. A falta de inteligência estratégica e acentuado desconhecimento da história produz crises fúteis, sentimentalismos exacerbados, com potencial aversão ao pacifismo. Não devemos, nas crises políticas, nos concentrar somente na aranha; é preciso observar melhor a teia que a sustenta para saber a que tipo de guerra as tarifas antecedem. (Continua)

PAULO DELGADO é sociólogo